



## 📄 NARCISISMO FEMININO: UMA VIA DE ACESSO À EROTOMANIA FEMININA? <sup>1</sup>

**Rosa Guedes Lopes**

Professora da Faculdade de Psicologia da Univ. Estácio de Sá  
Especialista em "Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan"/UNESA  
Mestre e doutoranda do Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica/IP/UFRJ  
Aderente da Escola Brasileira de Psicanálise  
[rosa.guedes.lopes@globo.com](mailto:rosa.guedes.lopes@globo.com)

### Resumo

O texto toma o estudo do narcisismo primário em Freud como antecedente lógico do conceito de feminilidade, que se diferencia do conceito de sexualidade feminina. As relações do narcisismo primário com a feminilidade em Freud podem se configurar como via de acesso à lógica do não-todo formalizada por Lacan para a sexuação feminina. Se bem fundada, esta conjunção se oferece como ferramenta para a compreensão do excesso pulsional feminino frequentemente encontrado na neurose. A leitura de um fragmento clínico iluminado por esta teoria encerra o trabalho.

*Palavras-chave:* Narcisismo, feminilidade, erotomania, lógica fálica, lógica do não-todo.

### FEMININE NARCISSISM: A WAY TO FEMININE EROTOMANIA?

#### Abstract

In this text, the author approaches the study of Freudian primary narcissism as a logical presupposition of the concept of femininity, which differs from the concept of feminine sexuality. The relationship between primary narcissism and Freudian femininity can be considered as an approach the Lacanian non-whole logic for feminine sexuation. The combination of the two may be offered as a tool to the understanding of the feminine pulsing excess frequently found in neurosis. The reading of a clinical excerpt based on this theory brings the paper to a conclusion.

*Key-words:* Narcissism, femininity, phallic logic, non-whole logic.

#### Introdução

A libido é um conceito chave para a compreensão dos conceitos freudianos de narcisismo e de feminilidade, assim como para a da lógica do não-todo formalizada por Lacan no *Seminário 20*. Trata-se de um termo de origem latina – derivado de *Lieb*, amor em alemão –, que se associa com o desejo (*Wunsch*), a luxúria (*Lust*) e a paixão humana. Freud o emprega para designar a

fonte da energia psíquica tanto no campo da pulsão como no do amor.

### Libido e pulsão

Muito antes de ter desenvolvido uma teoria da pulsão, o que só acontecerá em 1915, Freud, em seus manuscritos (1892-99), já atribuía a causa das afecções psíquicas à sexualidade. Ele supõe um aparelho psíquico formado por excitações endógenas, impulsos<sup>2</sup> que se transformam em registros psíquicos. Usa o termo libido para determinar o resultado desta modificação. A libido exibe um duplo aspecto: resulta do processo de elaboração da excitação orgânica em psíquica e se define como "afeto sexual" ("Carta 18"). Implica, portanto, a atribuição da qualidade sexual ao que era apenas uma excitação<sup>3</sup>. No "Rascunho G", a propósito da gênese da melancolia, Freud afirma que seu afeto é o luto, ali definido como "desejo de recuperar algo que foi perdido". Isso permite a hipótese da melancolia como expressão de uma perda de libido. Sendo *resultado da tradução do orgânico em psíquico*, podemos afirmar que a libido é o efeito da exigência que a pulsão faz à mente de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo (1915, p. 142). Ela implica, desde os seus primórdios, um laço sexual com um objeto. Esse laço representa uma satisfação obtida sob a forma de descarga. A natureza sexual desta ligação, que Freud nomeia como libidinal, requer a presença ativa de um outro, semelhante do sujeito, que tome para si a tarefa de erotizar. Freud (1895, p. 438) dá o nome de "complexo do ser humano" às circunstâncias em que esta tarefa é executada.

Podemos afirmar, então, que em sua relação com o que Freud conceituará mais tarde como pulsão, o termo libido era já empregado para descrever a manifestação dinâmica da sexualidade humana, cujo protótipo é sempre infantil. Essa expressão dinâmica se caracteriza pela formação de modos de organização que visam à satisfação pulsional. Esses modos são primeiramente pensados como compostos por traços de memória que se desdobram em vários tempos e versões ("Carta 52"). São libidinalmente estratificados e sujeitos, de tempos em tempos, a retrancrições ou reordenamentos. Essa estrutura é situada em relação às suas fontes orgânicas. A diversidade dessas fontes – chamadas "zonas erógenas" – dá origem a tipos específicos de organização psíquica libidinal e a uma concepção de recalque apoiada no abandono de tais zonas. Das zonas sexuais abandonadas não resultaria nenhuma descarga libidinal, somente desprazer em relação ao objeto. A noção de libido supõe investimentos eróticos primários, perdas e um reordenamento da memória em diversos tipos de sinais, presentes em diferentes versões, cuja lembrança geraria desprazer. A libido se opõe à angústia e os seus reordenamentos desvelam uma pré-história que permite a Freud chegar às cenas primárias, fundamentando a arquitetura das neuroses<sup>4</sup> numa mesma etiologia, sexual, e num mesmo objetivo, o investimento retroativo de traços organizados sob o modelo edípico ("Carta 71").

A sexualidade infantil apresentada em 1905 resulta desse percurso. Os conceitos de libido e de zona erógena elucidaram a natureza sexual das relações primárias e caracterizaram o auto-erotismo como tendo sido originado através de pulsões parciais e de zonas erógenas cuja finalidade é a obtenção de prazer. O campo das excitações orgânicas é agora legitimamente o campo das pulsões que não se dirigem para outras pessoas, embora delas dependa para organizar um modo característico de satisfação no corpo do próprio indivíduo. Freud (1905) usa o exemplo de "chupar o dedo" para demonstrar que o comportamento auto-erótico "é determinado pela busca de algum prazer que já foi experimentado e agora é lembrado" (p. 186). Trata-se da busca por um prazer vivido na relação da criança com a mãe, no caso, durante a amamentação. É por esta razão que, nos "Três ensaios...", a libido encontra seu lugar no auto-erotismo infantil. O desenvolvimento pulsional auto-erótico é caracterizado pelas pulsões parciais que são, em geral, desligadas entre si e independentes umas das outras na busca do prazer. Sua fonte é orgânica e sua finalidade, vinculada à satisfação localizada em cada zona erógena. Essa satisfação deixa atrás de si uma disposição. A sedução tem aqui um fator relevante. É responsável por despertar prematuramente a pulsão sexual. Sob sua influência, "as crianças podem tornar-se perversas polimorfos" (p. 196). Com a introdução do caráter sexual, tudo o que poderia ser pensado como sendo da ordem da necessidade ou da natureza fica perdido para sempre. Freud postula a disposição para as perversões como característica geral e fundamental da sexualidade humana.

Para Freud, a constituição subjetiva tem seu ponto de partida em uma relação dual real com a mãe, responsável pela erotização do indivíduo, ou seja, pela introdução da sexualidade. Do ponto de vista do organismo biológico do futuro sujeito, a satisfação sexual que daí se obtém é parcial e diversificada em diferentes objetos. Embora a pulsão em jogo seja sexual, o circuito pulsional aqui não tem qualquer caráter reprodutivo.

### Libido e amor

A sedução é, então, o meio pelo qual se introduz a conexão da libido com o tema do amor. Para Freud (1905, p. 229), o protótipo de toda relação de amor é uma criança que suga o seio da mãe. O vínculo canibal primário, instaurado pela experiência de amamentação, é o modelo da relação amorosa.

Os estágios de desenvolvimento da libido constituem um regime sexual peculiar pré-genital. A organização sexual pré-genital canibal ou oral se caracteriza pela não distinção entre a atividade sexual e a ingestão de alimentos. Diante da exigência pulsional, da "fome" sexual, o objeto da

atividade sexual é homólogo ao da ingestão de alimentos. O plano pulsional se sobrepõe ao da necessidade e o amplia. A atividade pulsional objetiva a incorporação do objeto. Trata-se do "protótipo de um processo que, sob a forma de identificação<sup>5</sup>, deverá desempenhar um importante papel psicológico" (1905, p. 204).

A segunda fase pré-genital é a da organização sádico-anal, caracterizada pela oposição de duas correntes que persistem durante toda a vida sexual – a atividade e a passividade. Essas correntes correspondem respectivamente à fruição das posições de sujeito e de objeto na relação primária da criança com a mãe. A pulsão de domínio põe a atividade em jogo através da musculatura somática, ficando o objetivo sexual passivo representado pelo ânus. As correntes ativa e passiva possuem objetos distintos, mas a satisfação também se caracteriza pelo auto-erotismo. Nesta etapa, é possível observar alguma polaridade sexual e um objeto estranho ao ego<sup>6</sup>. No entanto, a organização das pulsões em um único objeto e sua finalidade reprodutora continuam ausentes.

Freud conceitua a pulsão como uma energética para sustentar a hipótese da diversidade das catexias sexuais e amorosas existentes entre o sujeito e o outro. Essa hipótese depende da libido como conceito dinâmico. Se havia uma suposição de que a libido se desenvolvia de modo linear, ou seja, se ela havia sido pensada como transformação do impulso orgânico em registro psíquico, a consideração da relação com o objeto mostrou que a organização libidinal se dá através de processos heterogêneos. Verificamos aí um deslocamento conceitual: o campo das excitações orgânicas é propriamente o que define o campo pulsional, ficando a libido vinculada à busca do objeto. Mesmo não tendo desenvolvido ainda o complexo de Édipo e tampouco tenha subordinado seus efeitos ao complexo de castração, Freud conceitua a ligação arcaica da criança com a mãe como ligação objetal. Seu principal atributo é ser sexual sem ser genital. É o modelo de toda forma de amar, portanto, um ponto de fixação que orientará a escolha do parceiro sexual.

A ligação primordial da criança com as pessoas que se encarregaram de seus cuidados básicos caracteriza a natureza do amor sexual desta organização pulsional. A condição amorosa torna-se dependente da presença do objeto e sua ausência implica o comparecimento da libido como angústia<sup>7</sup>. O objeto se apresenta inicialmente sob as formas da escopofilia, do exibicionismo e dos objetos oral e anal. Como já afirmamos, eles não têm, a princípio, qualquer relação com a vida genital e tampouco se constituem como imagem unificada. Essa relação só se dará a posteriori, com a entrada da diferença sexual. Neste momento do desenvolvimento pulsional, a existência de dois sexos não é fonte de angústia para a criança, pois o auto-erotismo se caracteriza pelo modo parcial como a pulsão se satisfaz. Portanto, a presença da angústia se refere à ausência do objeto da satisfação e não à diferença sexual. A constituição do ego como objeto fálico privilegiado de investimento pulsional será a condição para a entrada em jogo da diferença sexual e de seu correspondente, a angústia de castração. Nesta seqüência, a esfera do amor também sofrerá alterações.

### **Libido, pulsão, amor e narcisismo<sup>8</sup>**

O que Freud conceituou, em 1914, como narcisismo é uma etapa estrutural da subjetividade humana e se configura como extensão da teoria da libido. Implica o investimento do corpo próprio do sujeito como objeto amoroso a partir de uma *nova ação psíquica*<sup>9</sup>. O narcisismo depende de que o sujeito se apreenda como imagem fálica unificada, que deve ser amada e preservada. Trata-se da passagem de um corpo que usufrui uma satisfação pulsional parcializada em objetos, sem precisar se ocupar da sua própria preservação, a um corpo libidinalmente unificado como objeto de amor, que precisa ser preservado. A libido converge para a imagem de si e toma-a como objeto privilegiado de satisfação pulsional.

Para Freud (1914), as pulsões de autopreservação não são originárias. Segundo sua teoria de 1923, o ego depende de uma modificação oriunda da influência do mundo externo. A hipótese do narcisismo freudiano, cuja conseqüência, como afirmamos acima, é um corpo unificado e investido como objeto sexual, é a de que o amor de si surge como efeito de uma identificação com o amor do outro. Requer, portanto, a tomada da imagem do outro como objeto com o qual o sujeito se confunde, unificando-se. A ilusão proporcionada pelo amor é um dos elementos que promove o passo da parcialidade auto-erótica à unidade da imagem narcísica.

Mas como isso ocorre? Como as pulsões podem convergir para um único objeto se elas são parciais e se os objetos em questão nesse tipo de satisfação se caracterizam por sua multiplicidade? Como um único objeto pode satisfazer a essa multiplicidade pulsional?

O narcisismo comporta um paradoxo: não há ego na origem, não há sequer pulsões de autoconservação, apenas sexualidade que nem é originalmente do próprio sujeito, mas da espécie. No entanto, mesmo assim, há uma convergência da satisfação pulsional no ego como objeto privilegiado e unificador. Sendo da espécie – a referência freudiana é filogenética –, a sexualidade comporta um imperativo de reprodução que, para ser posto em prática, requer um reconhecimento de que possa haver nisso algum ganho. Ora, o auto-erotismo característico das etapas do desenvolvimento libidinal do ego é composto por uma sucessão de estados de satisfação advindos da pura e simples fruição pulsional de objetos sem que haja oposições. O auto-erotismo está referido a um puro uso sem que o aparelho psíquico disponha de um operador

que o especifique, o delimite e o dialetize. A reprodução, por sua vez, requer a sexuação, a diferença, o destino à morte como uma oposição em tensão com a vida, implicando uma transitoriedade. Como já afirmamos, Freud pensa o desenvolvimento da libido, que culmina no narcisismo, a partir da relação dual existente entre a mãe e a criança, relação real onde vida e morte não constituem inicialmente uma oposição, mas uma mescla pulsional.

O ego em vias de se constituir não é um indivíduo com condições de discernir os interesses da espécie e a adversidade desses interesses em relação a autopreservação. Ele é efeito do fato de que as pulsões são originalmente sexuais, portanto, o ego é sexual e deve ser sexuado. Ele é oferecido à satisfação pulsional como objeto convergente para todo o circuito pulsional parcial, promovendo um curto-circuito. É um objeto enganoso. Engana as pulsões sexuais do mesmo modo como a imagem refletida no lago engana Narciso.

O engano é necessário porque ao indivíduo, tomado como organismo biológico, não se supõe a existência de um interesse original pelas pulsões sexuais. Um "interesse" sexual implicaria a organização convergente da pulsão no sentido sexual genital, o que não é possível quando os interesses em jogo estão fragmentados e não se organizam pela via da genitalidade. Se, por um lado, há pulsões sexuais, por outro, não há no funcionamento pulsional originário um programa no sentido da reprodução. As perversões comprovam que o interesse do indivíduo passa ao largo do da espécie. Portanto, a questão continua sendo: como se chega à escolha objetal?

Constituir-se a partir de uma nova ação psíquica não define a natureza do ego. É preciso o estudo das psicoses para que esta se revele: quando há uma alteração na realidade a libido anteriormente investida no objeto retorna em direção ao ego, que passa a ser exaltado (megalomania) ou degradado (melancolia). Os transtornos na economia libidinal mostram os efeitos da perda do objeto: o ego toma o lugar do objeto porque se identifica com ele. O retorno da libido faz da perda do objeto a principal chave para a compreensão da natureza do ego. Permite a afirmação de que todo narcisismo é secundário (FREUD, 1914, p. 90-91) e mostra que o processo identificatório é sempre regressivo porque depende de uma perda. A observação das psicoses permite a Freud sair de um verdadeiro impasse: a idéia da unificação pela nova ação psíquica reifica a relação dual original, coloca o sujeito numa posição homossexual que o impede de sair em direção a uma escolha objetal, ou seja, uma escolha que considere a diferença sexual. A passagem do narcisismo à escolha objetal depende de uma perda implementada a partir da entrada em jogo do complexo de castração. Ainda segundo Freud (1914, p. 109), a parte mais importante dos distúrbios em relação aos quais o narcisismo original se vê exposto "pode ser isolada sob a forma do 'complexo de castração' (nos meninos, a ansiedade em relação ao pênis; nas meninas, a inveja do pênis)". A observação dos efeitos do complexo de castração por Freud é responsável pela inferência da existência de um narcisismo primário, ou seja, de um tempo em que os dois grupos pulsionais, mesclados, advêm com interesses narcisistas. Foi o que a psicose comprovou.

Freud dá um passo a mais na própria consideração do conceito de narcisismo. A perda do objeto, que a psicose mostra situar-se como causa real do narcisismo, fornece um estatuto imaginário à nova ação psíquica tomada como identificação do sujeito à sua própria imagem unificada à imagem do outro. O texto de 1923, "O ego e o id", ilumina ainda mais este ponto: não se chega ao amor por uma imagem de si unificada sem que se tenha feito uma separação no plano dos objetos, ou seja, sem que o amor se separe do ódio. Melhor dizendo, sem a presença da organização fálica genital trazida pelo encontro com a diferença sexual não é possível distinguir amor e ódio.

Antes de prosseguirmos pela via apontada pelo texto de 1923 para a diferença sexual, julgamos importante esclarecer como Freud conceitua a gênese do amor e do ódio, uma vez que nossa hipótese é a de que, relidas a partir dos textos dos anos trinta, a identificação e a relação de objeto características das etapas pré-genitais da libido esclarecem o narcisismo feminino, isto é, mostram porque a escolha objetal da mulher é de natureza narcísica e não anaclítica.

### **A gênese do amor e do ódio na organização pré-genital**

Para fundamentarmos este ponto, utilizaremos o texto "Os instintos e suas vicissitudes" (1915, p. 160). Ali Freud demonstra que o amor devém da capacidade egóica de obter satisfação auto-erótica para algumas de suas pulsões por meio do prazer no órgão. Sua origem é sempre narcisista e sua passagem aos objetos incorporados ao ego, secundária. O amor se vincula às atividades pulsionais posteriores, podendo mesmo chegar a coincidir com o impulso sexual como um todo. No entanto, enquanto as pulsões sexuais passam por um complexo desenvolvimento, as fases preliminares do amor nascem como finalidades sexuais provisórias.

No primeiro estágio do desenvolvimento pulsional a finalidade em jogo é a incorporação ou o devoramento. Trata-se, afirma Freud, de "um tipo de amor que é compatível com a *abolição da existência separada do objeto* e que, portanto, pode ser descrito como ambivalente"<sup>10</sup>. Do ponto de vista dinâmico das pulsões, os objetos não são *de* amor ou *de* ódio, mas de *ambivalência* em função da *indiferenciação* presente no que concerne à existência do sujeito e à do objeto. A lógica das pulsões amorosas ou hostis é implantada em homologia à lógica do funcionamento pulsional: ingerir e cuspir, engolir e expulsar.

Quando a organização sádico-anal se encontra em sua fase mais elevada, a busca pelo objeto

surge como ânsia de domínio, em relação à qual é *indiferente* se ocorre algum dano ou o próprio aniquilamento do objeto. Tanto nesta forma quanto em sua fase preliminar o amor e o ódio ainda são *quase indistintos* em sua atitude para com o objeto. É preciso que a organização genital se estabeleça para que, então, o amor surja como oposto ao ódio. (FREUD, 1915, p. 161) Sem a operação do complexo de castração, que organiza as relações entre os sexos por meio da lógica fálica acoplada à diferença sexual, não há uma perda responsável por fundar o ego como sexuado e por promover uma escolha objetal como tentativa de recuperação da perda narcísica em questão.

Estas considerações nos permitem afirmar que, no plano da organização pré-genital, o amor não alcança o caráter civilizador ao qual Freud se referiu em 1921, pois não encontra o limite real que o diferenciaria do ódio. A satisfação pulsional da qual o organismo usufrui nesta fase não se dialetiza. Seu caráter é imaginário, estagnante e mortífero. Esta é a raiz da erotomania freqüente nas psicoses. Como já observamos, o estudo dos transtornos psíquicos presentes nas psicoses foi o responsável por elucidar que o ego é oriundo de uma perda de realidade ocasionada pela diferença sexual. Desta perda decorre o circuito polimorfo das pulsões parciais, em relação ao qual o narcisismo é um curto-circuito.

Só a consideração do complexo de Édipo atrelado ao de castração permite dizer que o núcleo da libido é o amor sexual e seu objetivo, a união entre os sexos (FREUD, 1921, p. 116). Sabemos que há outras formas pelas quais o amor pode ser declinado, mas convém lembrar que *todas* constituem também expressões das mesmas moções pulsionais, desviadas, entretanto, de seu objetivo sexual (p. 131). Eros "mantém unido tudo o que existe no mundo" (p. 117) e tem um caráter civilizador, pois "ocasiona a modificação do egoísmo em altruísmo" (p. 130). É o nome do que faz laço entre os seres humanos tomados como objetos de investimento e de satisfação pulsional.

Freud valoriza o amor que leva ao laço social, resultante do narcisismo secundário. No entanto, como acabamos de demonstrar, ele também fala de um tempo preliminar do amor vinculado ao funcionamento pulsional presente no auto-erotismo, ligado à satisfação obtida no narcisismo primário, onde o amor não se diferencia do ódio. Trata-se de um tempo em que o movimento pulsional funciona desvinculado do caráter sexual genital, no qual a pulsão se caracteriza pela reversão do amor em ódio em função do não recobrimento desta etapa pelos complexos de Édipo e de castração. O amor decorrente da pulsão sexual desvinculada da diferença sexual tem um caráter ambivalente em relação ao ódio. Esse caráter desregulado se constitui como ponto de fixação que permanece associado às pulsões do ego. É deste modo que o narcisismo sempre fará parte do caráter libidinoso de investimentos do ego.

Com isso, coloca-se uma importante distinção entre o narcisismo como amor de si, vinculado ao egoísmo, e o amor altruísta, oriundo do narcisismo secundário. O primeiro serve de abrigo para as perdas e as identificações primordiais, enfim, para os restos das ligações pré-genitais às quais não se conseguiu renunciar. Trata-se, segundo Freud, de "um verdadeiro amor feliz", ou seja, de um amor que "corresponde à condição primeira na qual a libido objetal e a libido do ego [ainda] não podem ser distinguidas" (1914, p. 117). Entendemos que o termo "feliz" é usado aqui por Freud não para se referir propriamente a um estado de espírito, mas à satisfação que a pulsão encontra em relação ao seu próprio circuito. Não nos esqueçamos que a pulsão freudiana é uma *exigência* que se satisfaz apesar de tudo, é uma demanda de trabalho articulada no inconsciente, capaz de produzir sua própria satisfação.

"[...] uma pulsão nos aparecerá como sendo um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente, como uma medida da *exigência* feita à mente no sentido de trabalhar em conseqüência de sua ligação com o corpo" (FREUD, 1915, p. 142, grifo nosso).

O amor altruísta, por sua vez, é efeito de uma perda e implica uma catexia endereçada para o mundo externo. Indica a busca de um objeto novo, heterossexual, complemento libidinal do ego que renunciou a uma parte do próprio narcisismo e foi ampliado pelas identificações secundárias. Neste registro, o amor narcísico é trocado por um elevado ideal do ego, fator condicionante do recalque, mostrando o importante papel da libido como fundamento do laço social (1921). A existência de um ideal do ego faz obstáculo à regressão da pulsão à fase oral porque distingue o ego e o objeto ao invés de manter o caráter indiscriminado encontrado nas etapas pré-genitais. Neste sentido, o ego ideal pode ser tomado como resíduo do ideal do ego.

Desta distinção na esfera do amor decorre a escolha objetal peculiar à vida erótica humana. Segundo Freud, os homens se caracterizam pelo amor objetal completo do tipo anaclítico ou de ligação. Eles renunciam ao narcisismo do ego ideal e transferem-no para o objeto sexual que deverá ser amado. A capacidade de amar é, portanto, correlata da renúncia. Ama-se a parte do próprio narcisismo à qual se renunciou. As mulheres, por sua vez, não se caracterizam pela renúncia, mas pela intensificação do narcisismo original, fator que Freud aponta como desfavorável para o desenvolvimento de uma escolha objetal verdadeira<sup>11</sup>. Elas amam a si mesmas e precisam mais ser amadas do que amar. Nelas, segundo Freud, o alcance do amor objetal completo depende da criança que geram (1914, p. 105-106).

Freud revela uma situação curiosa, um impasse constituído sob a forma de um aparente paradoxo que ele não resolve. Dizer que a escolha de objeto da mulher é do tipo narcísica, é afirmar que ela ama em conformidade com o que ela própria é (a si mesma), com o que ela própria foi, com o

que ela almejaria ser ou, ainda, que ela ama alguém que, um dia, foi parte dela (1914, p. 107). Trata-se, então, de uma escolha de natureza homossexual. No entanto, ao asseverar que a maternidade permite o alcance do amor objetual completo, Freud afirma que, para ascender ao plano do amor altruísta, a mulher se coloca na dependência de um encontro com um homem, ou seja, na dependência de uma escolha heterossexual.

Freud monta um complicado quebra-cabeças: a escolha objetual da mulher é narcísica e o amor objetual só pode ser experimentado por ela através da maternidade. Sabemos que o desejo de filho foi situado como um deslocamento do desejo de falo, portanto, diretamente referido à diferença sexual. O filho é o substituto do falo que ela não recebeu da mãe. Essa condição o torna decorrente da relação da menina com a castração, ou seja, com a falta que ela pôde localizar no próprio corpo.

Desta montagem conceitual decorrem importantes conseqüências teóricas que o próprio Freud não pôde colher com todas as letras. Dentre elas, a possibilidade de afirmar que a relação primária mãe-bebê não é dual, mas uma relação já mediada pelo falo presentificado do lado da mãe, uma vez que o filho substitui o falo que ela deseja. Ao ler o narcisismo pela via do estádio do espelho, Lacan ressaltou que o falo presente na mãe através do seu desejo é o que aponta o bebê como objeto de satisfação amorosa. O desejo da mãe serve de medida para o ego ser tomado pelo circuito pulsional como ego ideal, permitindo a confluência pulsional para aquele objeto.

### A equação falo-filho e o amor

Passar do raciocínio freudiano ao lacaniano não é uma tarefa simples. Freud e Lacan partem de modelos metapsicológicos diferentes. Enquanto o primeiro privilegia o modelo filogenético, colocando o âmbito da ontogênese dependente da determinação filogenética, o segundo parte da dependência primária de todo sujeito para com o campo da linguagem. Lacan prefere o modelo lingüístico. Por isso, não parte diretamente da constituição subjetiva compreendida como oriunda da relação dual ou narcísica da criança com sua mãe, mas da operação metafórica resultante de que o significante é o que representa um sujeito para outro significante. Assim, introduz o Nome-do-Pai como metáfora fálica que responde à pergunta acerca do que o sujeito foi em relação ao desejo da mãe como desejo de falo. O campo da linguagem permite mostrar que o falo intervém como significante da falta. Desse modo, "a criança não se acha sozinha diante da mãe, mas que, diante da mãe, existe o significante de seu desejo, ou seja, o falo" (LACAN, 1957-58, p. 267).

Lacan retoma o conceito freudiano de narcisismo através do estádio do espelho. Afirma que ele é o responsável por propiciar a vivência de uma experiência de identificação na qual o sujeito assume como sua a imagem (fálica) da forma do corpo do semelhante (LACAN, 1998, p. 100). As pulsões parciais se unificam, de um modo imaginário, em torno de um mesmo objeto, o ego. No Esquema L, Lacan recupera o caráter conflituoso inerente à relação dual. Mostra, pelo eixo simbólico, que o sujeito recebe do Outro sua própria mensagem de modo invertido e que essa mensagem, deformada e desconhecida pelo sujeito, intercepta a relação imaginária situada no eixo *a-a'* (1956-57, p. 10-11). O Outro, lugar da estrutura e de todas as determinações do sujeito, é o terceiro que impede a ambivalência e a indiferenciação dos termos que formam esse par. Sem o Outro, o sujeito não consegue sustentar sua posição de Narciso (1998, p. 557).

O Esquema R, por sua vez, mostra como o falo intervém enquanto significante privilegiado que dá a razão, isto é, a medida, ao desejo sexual, em relação ao qual o sujeito só tem acesso através do Outro (1998, p. 700). Para Lacan (p. 693), os fatos clínicos comprovam que o sujeito estabelece uma relação com o falo antes de ser necessário considerar a diferença anatômica entre os sexos. Isso permite afirmar que, mesmo antes que o complexo de castração se faça presente, o narcisismo se relaciona ao falo uma vez que este desempenha o papel de significante. Ou seja, a mãe, por meio de sua presença e de sua ausência, eleva o objeto da necessidade à dimensão simbólica do dom. Portanto, para que se estabeleça algo entre o Outro como lugar da fala e o que se apresenta fenomenicamente como seu desejo é preciso que, no Outro, alguma coisa modifique a sua natureza e explique o aspecto perverso do desejo humano. O falo (F) é o significante que institui essa modificação, deslocando-o de ser apenas o lugar da fala, e situando-o como também implicado na dialética do desejo que se localiza na relação com o objeto. (LACAN, 1957-58, p. 325-329).

A presença-ausência da mãe eleva o objeto da necessidade à dignidade do dom. O dom implica todo o ciclo das trocas no qual o sujeito é introduzido de partida, implica portanto a ordem simbólica como prévia à subjetividade como tal. "A função simbólica constitui um universo no interior do qual tudo o que é humano tem de ordenar-se" (LACAN, 1956-57, p. 44). Nesse universo, o dom surge a partir de um mais além da relação objetual, pois supõe, a reboque, toda a ordem da troca na qual a criança ingressou. Ele surge com um caráter que o constitui como simbólico, ou seja, para que algo se caracterize como dom é preciso que ele se constitua por meio do

"ato que, previamente, o anulou ou revogou. É sobre um fundo de revogação que o dom surge, é sobre esse fundo, e como signo de amor, inicialmente anulado para ressurgir em seguida como pura presença, que o dom se dá ou não ao apelo" (LACAN, 1956-57, p. 185).

"Há troca. Mas como pôde a troca começar?"

“Foi preciso que num dado momento algo entrasse na roda da troca. Era preciso, portanto, que a troca já estivesse estabelecida. Isto equivale a dizer que, no final das contas, se está sempre pagando o copinho [do licor bebido] com um doce que não se pagou” (1954-55, p. 294)

O fato de que o homem fala implica um desvio no plano da necessidade, que deve se assujeitar aos caminhos da demanda. Das necessidades, o que é alienado constitui-se como *Urverdrängung* porque não pode se articular na demanda. No entanto, aparece no desejo. O que se demanda é sempre uma presença ou uma ausência que se manifesta na relação primordial com a mãe e que a constitui como um Outro privilegiado. Ela pode satisfazer ou não as necessidades, pode privar o suposto campo das necessidades daquilo que as satisfaria (LACAN, 1998, p. 697-698). Desse modo, o falo surge como significativo do desejo do Outro e instaura um problema para o sujeito: ser ou não ser o falo. “O sujeito quer ser o que é o desejo da mãe” (1957-58, p. 466).

É preciso, então, que a criança localize algo relativo ao desejo materno para que se ponha em ação um trabalho de unificação pulsional que a localize enquanto ego ideal, como objeto amado pela mãe. A criança situa-se aí em diferentes posições por meio das quais é levada a tapear este desejo da mãe, oferecendo o falo em si mesma.

“A criança se apresenta à mãe como lhe oferecendo o falo nela mesma, em graus e posições diversos. Ela pode se identificar com a mãe, se identificar com o falo, ou apresentar-se como portadora de falo. Existe aí um grau elevado, não de abstração, mas de generalização da relação imaginária que chamo de tapeadora, pela qual a criança atesta à mãe que pode satisfazê-la, não somente como criança, mas também quanto ao desejo e, para dizer tudo, quanto àquilo que lhe falta. Esta situação é decerto estruturante [...]” (LACAN, 1956-57, p. 230).

É assim que entendemos a afirmação de Freud de que o homem fixa “um ideal em si mesmo, pelo qual mede seu ego real” (1914, p. 111). Esse *ego ideal*, imbuído de toda perfeição e valor *fálico*, é, desde então, a imagem alvo do amor de si. É em direção a ele que as pulsões auto-eróticas convergem. Mas o desenvolvimento do ego implica um afastamento do sujeito em relação ao narcisismo primário ao mesmo tempo em que engendra um enorme esforço para recuperá-lo. O afastamento decorre da influência das exigências do mundo externo e da capacidade de ajuizamento despertada no indivíduo. Como consequência, a libido se desloca em direção a um ideal do ego imposto do exterior. O plano da satisfação pulsional passa a resultar da realização desse ideal do ego como modo de recuperação do narcisismo do ego ideal. “O que ele [o ser humano] projeta diante de si como sendo seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância na qual ele era o seu próprio ideal” (1914, p. 111).

Freud instaura assim uma tensão entre o ego ideal e o ideal do ego, tensão que se origina de um déficit entre ambos, impossível de recobrir e responsável por manter o movimento pulsional como exigência de trabalho. Ao projetar o plano narcísico sobre o esquema dos dois espelhos Lacan (1953-54, p. 163) dá ênfase à tensão entre as duas imagens do ego - a real, produzida pelo espelho côncavo, e a virtual, pelo espelho plano - para mostrar a função do outro na constituição subjetiva e na adequação do imaginário e do real. A função do falo alça o outro da presença e da ausência à posição de Outro, lugar das trocas simbólicas, da linguagem, da alteridade e da lei. Mostra que é a relação simbólica que situa os sujeitos uns em relação aos outros, demarca a posição do sujeito como aquele que vê e define seu maior ou menor grau de perfeição e completude imaginárias referindo-o ao ideal do ego, comandante do jogo do sujeito em relação ao outro (p. 165).

“O *Ich-Ideal*, o ideal do eu, é o outro enquanto falante, o outro enquanto tem comigo uma relação simbólica, sublimada, que no nosso manejo dinâmico é, ao mesmo tempo, semelhante e diferente da libido imaginária. A troca simbólica é o que liga os seres humanos entre si, ou seja, a palavra, e que permite identificar o sujeito. [...]”

O *Ich-Ideal* [...] pode vir a situar-se no mundo dos objetos no nível do *Ideal-Ich*, ou seja, ao nível em que se pode produzir essa captação narcísica com que Freud nos martela os ouvidos ao longo desse texto” (LACAN, 1953-54, p. 166).

No intervalo entre o ego ideal e o ideal de ego se aloja o desejo como desejo do Outro. Por ele circulam os objetos que a libido investe. Lacan chama de investimento libidinal àquilo através de que um objeto se torna desejável na medida em que se confunde com a própria imagem (1953-54, p. 165). Para ele, a teoria freudiana da libido “é feita da conservação progressiva de um certo número de pulsões parciais, que conseguem ou não [...] chegar a um desejo amadurecido” (p. 174). O investimento libidinal progride da satisfação oral à fálica (p. 176).

Que influências externas são capazes de promover, no plano egóico, a cisão ego ideal e ideal de ego?

### O complexo de castração: motor do narcisismo secundário

Partimos de duas observações encontradas na introdução ao estudo do narcisismo (1914). A primeira é a de que Freud já isola ali tanto a angústia em relação ao pênis nos meninos quanto a inveja nas meninas para afirmar *o complexo de castração como sendo a parte mais importante relativa aos destinos do narcisismo original* (p. 109). A segunda é o fato de que muito antes de se

retratar quanto à impossibilidade do complexo de Édipo ser vivido de forma “unissex” em função dos distintos efeitos do complexo de castração sobre a diferença anatômica entre os sexos (1925), bem como de valorizar a fase pré-ediapiana nas meninas (1931), Freud observa algo que julgamos importante ressaltar novamente aqui. No lugar de alcançar o amor objetal do tipo anaclítico ou de ligação, a mulher intensifica seu narcisismo original. Correlacionadas a partir dos avanços posteriores, estas duas observações podem ser tomadas como índices que já apontam uma dissimetria referida aos efeitos da incidência do complexo de castração sobre o complexo edipiano em meninos e em meninas. Elas indicam, no caso específico da sexualidade das meninas, a precariedade da sua relação com a operação identificatória paterna. Essa precariedade traz empecilhos à relação do sujeito com o desejo e impossibilita a substituição do objeto de amor primordial por outro, heterogêneo, capaz de se ligar ao primeiro por algum traço em comum, como os meninos conseguem fazer.

Sendo do tipo narcisista, a escolha feminina evidencia o obstáculo a ser vencido para que a menina ultrapasse a fase pré-edípica, alcance um lugar sexuado e chegue a uma escolha objetal: há nelas uma certa dose de inacessibilidade devida ao narcisismo intensificado. Elas são aparentemente frias em sua atitude para com os homens (FREUD, 1914, p. 106). O caráter civilizador do amor não parece atingir aqui o objetivo de transformar o egoísmo em altruísmo, tal como Freud afirmou em 1921. Trata-se, como já demonstramos, de um amor que não se mostra passível de incluir a dimensão civilizatória, que decorre, segundo Lacan, da incidência do Nome-do-Pai como organizador do campo do Outro.

Freud deparou-se com o narcisismo feminino - ou seja, com a maior necessidade de *ser amada* do que de amar - na escolha do parceiro amoroso da mulher. Por detrás da figura do marido, exatamente no lugar onde esperava encontrar os traços da ligação libidinal da menina com o pai, Freud descobriu um gozo mortífero relativo à vida pulsional pré-edípica da menina com a mãe. Trata-se de uma fixação em um tipo de satisfação pulsional na qual, conforme já afirmamos, o sujeito não encontra existência separadamente em relação ao objeto primordial de amor. Se o parceiro sexual da mulher substitui a mãe, ao contrário de substituir a relação da menina com o pai, isso se deve, segundo Freud, ao fato de que a vida erótica da menina não é acrescida posteriormente de nenhum aspecto novo (1931, p. 259-260). Dizer isso é afirmar que ela não alcança a esfera anaclítica da escolha de objeto, isto é, ela não chega a abrir mão de parte do seu narcisismo original para constituir-se como sujeito, ascender ao campo das identificações secundárias recalcando o gozo incestuoso com o objeto, tal como se passa com a sexualidade do menino.

Já afirmamos que, para Freud, o caminho que pode levar a mulher ao amor objetal completo é o advento de um filho (1914, p. 105-106). A criança seria o substituto do falo/pênis que ela não recebeu, permitindo à mulher o acesso ao plano fálico por meio da equação falo/pênis/filho. Desse modo, ela poderia localizar alguma coisa relativa ao ideal do ego. No entanto, o próprio Freud apontou que esse caminho não só não é simples, como tampouco resolve o problema da feminilidade. Além de toda a sexualidade infantil estar fadada ao fracasso, a saída pela via da maternidade não esclarece a questão do continente negro da feminilidade que, enquanto impasse ao tratamento analítico, foi conceituado como “repúdio à feminilidade” (1937).

Para que a maternidade pudesse se situar como solução edípica feminina seria preciso que a mulher conseguisse trocar de objeto, isto é, trocar a mãe pelo pai e, posteriormente, este por um homem. No entanto, como afirmamos acima, em referência à expectativa de Freud de que a relação da mulher com o pai fosse tão intensa quanto a do menino com a mãe, a experiência analítica mostrou que essa ligação encobria outra, tão ou mais intensa e apaixonada que aquela, na qual o objeto em questão era a mãe, e não o pai. A maternidade como solução edípica inclui a via fálica, mas para alcançá-la, a menina precisa solucionar a sua ligação pré-edípica, ou seja, o que se situa aquém do falo, a sua história de amor com sua mãe, o “precipitado de catexias objetais abandonadas” (1923) que nunca alcançaram unificação.

Para Coelho dos Santos (2006d), o ponto axial da sexuação feminina é o consentimento à castração. Dar lugar à castração é condição para que, *depois de localizar o significante fálico no corpo do pai*, se instale na menina o *desejo* receber dele algo que seja capaz de proporcionar a ela algum efeito identificatório. Ou seja, na mulher, o plano identificatório requer a passagem pelo corpo de um homem no qual ela pode encontrar o significante do seu desejo. É através de um homem que a situe como causa do seu desejo que o amor feminino pode alcançar o plano civilizatório pela via de um filho. Portanto, a posição de objeto, à qual se refere a escolha anaclítica conceituada por Freud, é uma posição que lhe é endereçada por um homem (LACAN, 1974-75, aula de 21/01/1975). É preciso que ela consinta em ocupar esta posição para que a relação amorosa com o filho seja do tipo anaclítica, uma vez que o filho estará conectado a uma falta e poderá advir como dom de amor de um homem.

Fazer a reivindicação por um filho passar pelo endereçamento de uma demanda de amor àquele que porta no próprio corpo o significante do desejo dela é o caminho pelo qual uma mulher poderá dar estatuto de desejo ao que, de outro modo, comparece apenas como reivindicação sem limite, como excesso pulsional. Por este caminho, convergem sobre o mesmo objeto tanto uma experiência de amor, que priva a mulher no campo do ideal daquilo que o homem lhe dá, quanto um desejo, que ali encontra seu significante (LACAN, 1998, p. 701-702).

Coelho dos Santos (2006d) esclarece que a via do parceiro sexual permite à mulher localizar o significante ideal que torna possível para ela algum efeito de identificação, no sentido de uma



localização do ideal. Quando isso não ocorre, o que acontece do ponto de vista pulsional é que os filhos advêm como resultado de uma fixação, pois no âmbito do complexo de Édipo a relação sexual é sempre incestuosa, portanto, proibida. Ao afirmar isso queremos dizer que, no caso da menina, ela se mantém enredada e indiferenciada em um amor que, conforme demonstramos, não se diferencia do ódio. Esse "amoródio" se dirige à mãe tomada como Outra mulher, rival (em cuja imagem ela própria se confunde) sempre pronta a levar a melhor em relação ao pai e, por deslocamento, aos outros homens. Além disso, torna-se presa do *Penisneid*, ou seja, da inveja que a projeta em uma reivindicação impossível de um filho/falo/signo-de-amor proveniente do pai. Sem o consentimento à castração, a reivindicação por um filho não alcança o estatuto do desejo. Ela se conserva no registro do incesto e comparece sempre como excesso pulsional.

Ao afirmar, em 1914, que a escolha de objeto feita pela mulher é do tipo narcísica, Freud forneceu os primeiros indícios do que só poderá afirmar um pouco mais tardiamente: o Édipo não alcança dissolução no caso da menina. Em função disso, a mulher não desenvolve o supereu das identificações secundárias. Portanto, o que resta do processo identificatório é sempre muito precário. Nos anos trinta, sendo ainda mais radical, ele apostará que o germe da paranóia posterior nas mulheres se encontra na dependência da relação primordial da menina com sua mãe (1931, p. 261).

A leitura lacaniana do auto-erotismo e do narcisismo a partir do encontro com a diferença sexual implica colocar o complexo de castração como eixo a partir do qual se dá uma resposta subjetiva. A via edípica evidencia o investimento libidinal de ambos os sexos na mãe como objeto primordial e também o impasse distinto de cada um deles quando esse investimento se coordena ao complexo de castração. O plano do funcionamento pulsional, por sua vez, introduz o que efetivamente importa no que se refere ao gozo. Uma vez que só um corpo vivo pode gozar, as propriedades do corpo vivo, sexuado, distinguem-se, segundo Lacan (1972-73), do lado masculino, pela sexualidade fálica e, do lado feminino, pelo Outro gozo, ou pelo gozo não-todo limitado pela lógica fálica.

### A sexualidade fálica

No caso do menino, o surgimento dos desejos sexuais dirigidos à mãe faz com que ele passe a perceber o pai como obstáculo, dando ensejo, assim, ao complexo de Édipo. A identificação primordial ao pai assume, então, uma coloração hostil. Transforma-se em desejo de livrar-se dele. Este fato torna claro o caráter estrutural ambivalente da identificação ao pai, presente desde sempre, bem como o caráter amoroso da relação da criança com a mãe. O complexo de castração associado à visão do órgão genital feminino precipita o menino para fora do Édipo porque todas as advertências sofridas até ali em relação ao objeto proibido ganham o caráter de ameaça. A castração materna sempre abre diante da criança uma hiância capaz de devorá-la<sup>12</sup> (LACAN, 1956-57, p. 233).

Miller (1997-98) afirma que a comparação imaginária dos corpos masculino e feminino é a pedra de toque para que as conseqüências psíquicas se organizem distintamente, conforme o sexo. Diante da comparação do seu corpo com o corpo daquele ser castrado, o menino prefere preservar o único pedaço de carne passível de ancorar sua identificação ao modelo paterno - o pênis - e renunciar ao objeto amoroso. Segundo Freud (1923), esvaziado pela renúncia, o lugar da catexia objetual primitiva deve ser preenchido. A intensificação da identificação ao pai castrador tomado como exceção, ou seja, a alienação, é o único modo que permite ao menino manter sua relação afetiva com a mãe, porque a localiza como objeto do pai. Isso situa o excesso pulsional e limita o gozo do menino em relação àquele objeto, razão pela qual a catexia objetual com a mãe pode se manter no nível afetivo. Simultaneamente, insere-o no campo do desejo marcado pela proibição. A via do desejo alimenta o investimento erótico do objeto, agora apenas no campo fantasmático. Por esta via, a dissolução do Édipo consolida no menino o seu caráter masculino.

Enquanto a identificação modifica o ego segundo os ideais que ela carrega consigo, a libido narcísica é transformada em libido objetual<sup>13</sup>, pondo fim ao narcisismo primário. A manutenção do traço do objeto no nível fantasmático é a condição de sua reedição posterior, quando da escolha de um parceiro sexual propriamente dito. A saída do narcisismo primário depende de que, em Nome-do-Pai, o sujeito abra mão de uma cota do seu próprio narcisismo - *ser amado* - para *amar*, ou seja, para investir essa parte de libido perdida no objeto com o qual comporá a fantasia inconsciente.

Lacan conceituou inicialmente o objeto *a* como resto da indiferenciação do sujeito no campo do Outro. A partir do *Seminário 11*, passou a incluir o gozo pulsional no conceito de inconsciente. Por isso o objeto *a* se tornou efeito da operação de separação entre o sujeito e o Outro. À alienação simbólica, entendida como operação identificatória, corresponde uma outra operação, a de separação, tomada como resposta real de gozo que implica o recalque. O objeto *a* é um elemento de gozo recalcado, complemento libidinal do sujeito (\$) mortificado pela identificação ao pai como exceção (COELHO DOS SANTOS, 2006a).

O menino sucumbe à ameaça de castração e submete sua sexualidade à interdição e ao recalque. Identifica-se ao traço ideal pelo qual o pai se torna símbolo da exceção que funda o conjunto no qual o menino ingressa. Se, por um lado a identificação ao ideal, ou seja, a alienação, não tem sucesso absoluto porque ela não recobre totalmente o pedaço da realidade perdido, por outro,

permite a extração do objeto que complementar a perda narcísica no campo da fantasia. Desse modo, “o que ele projeta diante de si como sendo seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância na qual ele era o seu próprio ideal” (FREUD, 1914, p. 111).

Ao correlacionar o campo da pulsão ao da linguagem, Lacan demonstra que este objeto é extraído sob o signo da mais valia, fato que o localiza como causa do desejo e faz dele um objeto fetiche. A formação do superego marca o sucesso da identificação com a instância parental, instaurando simultaneamente uma instância crítica.

Pela operação da metáfora paterna, o traço identificatório ideal toma corpo. Ele se ancora no pênis, pedaço de carne real que o menino possui diferentemente da menina. No entanto, como dissemos, esta operação identificatória deixa um resto: um objeto auto-erótico que, por estar ligado ao funcionamento do circuito pulsional pré-genital, não se coordena à hegemonia da imagem do corpo como um todo. Trata-se de um resto de gozo, o objeto *a*.

A clínica masculina ensina que o parceiro sexual do homem torna-se o depositário do objeto *a* que, no auto-erotismo, era tributário de um amor sexualmente indiferenciado. A lógica fálica acoplada à ameaça de castração leva o menino à passagem do gozo narcísico primário, indiferenciado, à diferença sexual, na qual o parceiro encarna esse efeito de gozo elementarizado, contabilizado, resultante da separação entre o sujeito e o Outro primordial. É através do objeto *a* que o homem se relaciona à cadeia simbólica e orienta o gozo. Segundo Coelho dos Santos (2006e), enquanto objeto *a*, a mulher localiza o excesso da pulsão de morte, encarna o real sem lei da pulsão. A esfera do amor se governa pela justa medida do falo e se limita pela prudência (MILLER, 1997-98). Assim, o homem pode alcançar o campo do gozo sem se ocupar com o discurso amoroso que, para ele, faz obstáculo ao gozo sexual em função da disjunção existente entre o amor e o desejo. Foi o que Freud apontou em 1910<sup>14</sup>.

Se, por um lado, o homem consegue manter a corrente afetuosa pela mãe separada da esfera do desejo em função do recalque das moções pulsionais desejantes proibidas, que eram dirigidas a ela na infância, por outro, o retorno do recalcado traz em seu bojo a contaminação que o objeto primordial faz incidir sobre a mulher, parceira escolhida como objeto de desejo. Deste modo, torna difícil a tarefa de fazer coincidir sobre um mesmo objeto as correntes amorosa e desejante (SOLANO-SUÁREZ, 2006).

### **A sexualidade não-toda fálica**

Para Freud, o destino civilizatório do amor requer a incidência da castração sobre o complexo de Édipo. O Édipo é o núcleo das neuroses, mas é o complexo de castração que permite que o pênis seja confundido com o falo quando este é alinhado à diferença sexual. o pênis, tomado como falo, introduz a primazia fálica e produz a oposição fálico X castrado necessária à partilha dos sexos. A ameaça de castração é o móvel da renúncia ao narcisismo pelo menino (Coelho dos Santos, 2005). Ele escolhe a posse do órgão em detrimento do amor narcísico primário. A parte da libido do bojo à qual o ego renuncia retorna ao ego e se transforma em libido objetual. O que resta da relação pré-edípica do menino com a mãe é localizado através do objeto na fantasia, ou seja, está dentro da lógica edípica ou fálica. Portanto, o objeto (anaclítico) é abrangido pelo falo. A escolha objetual anaclítica está referida ao falo. O menino regula o que resta do narcisismo primário a partir da lógica fálica.

Se a instalação da lógica fálica depende de que o falo, confundido com o pênis, seja localizado no pedaço de carne real, as meninas não têm como passar por esta operação, identificatória, que produziria um resto que a própria operação reintroduziria enquadrada pelo fantasma. Deste modo, a renúncia ao narcisismo torna-se impossível para elas, fato que torna precária a sua relação com o falo. Freud apontará a maternidade como uma das possíveis saídas para o Édipo feminino. Por esta via, o desejo de falo – equivalente ao desejo de pênis – poderá ser substituído por um bebê dado pelo pai. No entanto, desacompanhado da identificação viril, o que é da ordem do falo emerge nelas sob a forma de uma demanda desmesurada, deslocalizada. Se a reivindicação mostra a presença do falo, o excesso pelo qual comparece dá provas de sua desregulação. Mostra que ele já se encontra presente na relação mãe-bebê, fato que comprova que esta relação não é dual.

O que se passa, então, quando se pensa não ter nada a perder? A sexuação feminina é fruto de um julgamento e de uma decisão. Ela vê o pênis, conclui que não o tem e decide que o quer. No lugar de resolver o drama edípico, a castração o aprofunda. Por julgar que a ameaça não lhe concerne, a menina não passa à etapa posterior pela qual abre mão de parte de seu narcisismo original em nome de uma identificação e de um investimento fantasmático no objeto perdido. Nas palavras de Freud (1925, p. 319), depois do complexo de castração ter produzido o efeito de forçar a criança à situação do complexo de Édipo, fica faltando às meninas o motivo para sua demolição porque elas acreditam não ter o que perder. Neste ponto há uma encruzilhada em relação à qual a saída para a menina se torna muito mais complexa.

Decidir que quer um pênis porque não o recebeu, leva a menina a demandá-lo ao pai. Porém, como já afirmamos, se este passo não se coordena a um consentimento relativo à existência da castração, ela se perde pelos labirintos da reivindicação desmedida sem conseguir alcançar o plano identificatório secundário porque este supõe “a instalação, no sujeito, de uma posição inconsciente sem a qual ele não poderia identificar-se com o tipo ideal de seu sexo [...]” (LACAN,

1998, p. 692). Todo o problema em questão na histeria pode ser resumido na condição reivindicatória amorosa e ilimitada - nesse sentido, erotômana - dirigida ao pai pelo sujeito feminino às voltas com a castração. Se, para a menina, a castração se apresenta no ponto de partida, sua entrada no drama edípico já se conecta diretamente com a castração localizada no campo do Outro<sup>15</sup>. Isso tem como efeito a obtenção de um certo saber acerca do valor de semblante embutido na posição de exceção com a qual o menino se identifica enquanto ideal de seu sexo. Este saber abala sua crença na medida instituída pelo falo como significante do desejo sexual<sup>16</sup>. Sem uma medida real reguladora, nada se mostra à altura do que é reivindicado e tudo é semblante. A insatisfação no plano do desejo estará sempre garantida pelo caráter metonímico da satisfação auto-erótica em jogo no circuito pulsional.

O problema que se coloca aqui, segundo Lacan, é que o pai não tem como fornecer uma medida ideal que sirva de identificação para o sexo feminino. Tampouco a mãe. Não há no campo do Outro um significante que possa fundar o conjunto das mulheres. Ora, Freud sempre nos lembra que o campo pulsional é conservador, que ele trabalha em silêncio porque sua meta é restabelecer um estado anterior de coisas. Portanto, na impossibilidade da identificação e conseqüente extração de um objeto, a pulsão regride às fixações libidinais primitivas. No lugar de perder parte do narcisismo original, o ego assume as características do objeto e força o id a tê-lo como objeto de amor, na tentativa de compensá-lo pela perda sofrida com a descoberta da castração materna pelo sujeito (FREUD, 1923).

Como vimos anteriormente, sem a justa medida do falo acoplada à diferença sexual, a via amorosa é sempre contingencial, escapa ao cálculo, à regulação e precipita a menina num campo confuso no que se refere aos objetivos sexuais. É por esta razão que Freud afirma que a vida erótica da menina não é acrescida de nenhum aspecto novo (1931, p. 259-260) e que, nela, "a formação do superego deve sofrer um prejuízo; não consegue atingir a intensidade e a independência [...]" (1933 [1932], p. 159).

A forte ancoragem do simbólico no pedaço de corpo, no caso do menino, regula a relação amorosa primitiva, ou seja, localiza-a disjunta do objeto de gozo incluído no fantasma. A operação de alienação oferece o que regula a esfera do amor de modo separado daquilo que regula o desejo sexual em função do recalque sofrido por este último. No caso da menina, o campo identificatório é sempre precário. O caráter do ego - um precipitado de diversas catexias objetais abandonadas - tem como efeito que o laço amoroso comporte sempre uma certa ambivalência entre o amor e o ódio, além de uma devastação estrutural, que será menor ou maior dependendo da qualidade da vida erótica da mãe junto a um homem, ou seja, depende do fato dele funcionar ou não funcionar para a mãe como regulador fálico de seu gozo. Se a resposta for negativa, a possibilidade da menina se oferecer como tampão para a insatisfação materna torna-se a porta de entrada para o que Lacan nomeia como devastação. Para Coelho dos Santos (2006d), "[...] a vertigem de se oferecer como suplência à insatisfação amorosa da outra mulher, que é sua mãe", é o verdadeiro obstáculo à análise das mulheres. É o que pode ser chamado de uma erotomania normal nas mulheres (MILLER, 1997-98).

A teoria do narcisismo iluminada pelo complexo de castração distingue a importância da operação paterna sobre um sexo e outro. Por um lado, o pai agencia a castração, interdita, identifica e torna o menino capaz de amar. Por outro, não faz nada disso. É apenas detentor do pênis/falo, podendo dá-lo sob a forma de um filho (COELHO DOS SANTOS, 2006e). Assim, constitui a menina como precisando ser amada, posição que coincide com o ego ideal. Em ambos os casos - amar e ser amado -, o amor forma uma borda que protege, distintamente, todos os sujeitos contra a invasão da pulsão de morte. Ao mesmo tempo, é um ponto de fixação, que contém a história da ligação primitiva do sujeito com o genitor do mesmo sexo, na qual a pregnância imaginária é sempre muito intensa. Esses aspectos tornam o narcisismo estrutural, razão pela qual Freud (1937) nomeou o repúdio à feminilidade - ou seja, a sexuação como homem ou como mulher - como resto intransponível de uma análise. O rochedo da castração se refere ao caráter da ligação primordial do sujeito com a sexualidade do seu genitor do mesmo sexo (COELHO DOS SANTOS, 2006e).

Na comparação imaginária dos corpos a inquietude da ameaça de castração faz com que o menino fantasie sobre o que há de real em seu pênis (MILLER, 1997-97, p. 15). O amor narcísico passa a se coordenar pelo traço do objeto que supre a falta-a-ser do sujeito e condiciona seu desejo sexual, permitindo a ascensão ao campo da diferença sexual. No entanto, se a identificação não encontra um pedaço de carne real para se ancorar no corpo, como acontece no caso da menina, o amor (sob a forma de ser amada) é constante fonte de devastação. Não conseguindo se constituir como uma unidade sustentada por um traço identificatório, o ego é constantemente ameaçado pela invasão da pulsão de morte. Como já afirmamos, o ponto de partida na castração tem o efeito de fornecer à menina um saber sobre o caráter de semblante presente nas identificações. Assim, todo o valor fálico é caracterizado como semblante, resultando que não haja real em lugar algum. Ao mesmo tempo, é pelo corpo de um homem que o falo pode ser localizado, permitindo à mulher ascender ao plano dos ideais. Essa dupla matriz torna urgente, mas sempre problemática, a aquisição de um parceiro sexual para a mulher. Sem um consentimento à castração, sem o limite da lei, o objeto nunca se coordena ao desejo, mas ao gozo.

Coelho dos Santos (2006d), propõe a seguinte alternativa para interpretar o enigma nomeado por Freud (1926) como continente negro da feminilidade: "ou bem uma mulher escolhe a

identificação ao sintoma, isto é, ao objeto fetiche causa do desejo de um homem, ou bem é aspirada pela identificação a um objeto parcial auto-erótico, que funcionaria como suplência ao gozo da Outra mulher”.

### **Um fragmento clínico**

Dora é filha da relação de uma mulher solteira com um homem casado. A situação de ele ter uma outra família não era conhecida pela paciente a princípio. Ela só sabia que ele tinha três filhos mais velhos do que ela. Até os dez anos, mais ou menos, seus pais não viviam juntos, não tinham uma vida dita conjugal, mas namoravam. Ele comparecia como homem da mãe e como pai dela. Amparava-as financeiramente e acompanhava ambas às festas familiares na casa da avó materna, onde os três dormiam juntos no mesmo quarto.

Esse quadro constituía, mesmo que precariamente, a localização de Dora enquanto filha pela via da suposição da mãe como objeto de desejo do pai. Seu lugar de filha se equacionava ao lugar da mãe como mulher para aquele homem. A equação mãe-mulher-filha é quebrada quando seu pai resolve reconhecer a paternidade legalmente. Até ali, Dora usava apenas o sobrenome paterno da mãe. Ao mesmo tempo em que entrou com o processo judicial para o reconhecimento daquela filiação, ele e a mãe contaram à Dora sobre a existência da outra família. Ela descobriu, então, que o pai sempre esteve casado com a primeira mulher. Entendeu porque nunca pôde conhecer os “irmãos” e porque não poderia comentar sobre o reconhecimento da paternidade. O pai temia o escândalo e a separação. Dora passou dez anos sem o reconhecimento legal da paternidade, agora que o pai lhe dava o sobrenome, ela deveria esquecer que o recebeu<sup>17</sup>.

Ela, que sempre foi uma aluna mediana, viu seu desempenho cair a partir deste momento. Entrou na adolescência tentando, segundo ela, “cobrir um buraco”, querendo suprir alguma coisa através dos amigos e dos namorados. A aluna comportada tornou-se impertinente, respondona, intrigante, “barraqueira” como a mãe. Perdeu amigos e foi convidada a mudar de escola.

Sua vida amorosa mal começava e era já um desastre. Apaixonava-se perdidamente pelos meninos e não media esforços para estar com eles, que “não estavam nem aí” para ela. Nunca se sentia suficientemente amada por eles, embora fizesse tudo para obter amor. Ao contrário das amigas, ela não transava com eles. Era assim que ela respondia à “insuficiência” deles. Sua vida amorosa e social era intensa. Não perdia uma comemoração, cigarro, muita bebida, noites na praia... Não tinha hora para chegar em casa e tampouco alguém que a obrigasse a ter. Quando sozinha, chorava e sentia uma grande tristeza, que ela chamava de depressão. Nesses momentos, fazia pequenos cortes com gilete no pulso e ficava olhando o sangue escorrer enquanto pensava que, se morresse, ninguém choraria sua morte.

Ao completar dezoito anos conheceu um rapaz estrangeiro cujo visto no Brasil estava expirando. Ele estava em vias de se casar com uma moça para obter a permanência legal. Teria sido um casamento comprado se a moça não houvesse desistido na hora de dar entrada nos papéis. Dora sabia pouco sobre ele – europeu, vinte e poucos anos, ex-voluntário em uma das guerras do leste da Europa, havia estado também em outros países, agora trabalhava aqui e, mesmo falando muito mal o português, queria permanecer. Apenas alguns dias após tê-lo conhecido, Dora decidiu ajudá-lo. Apaixonou-se por ele e apostava que aquilo seria um casamento. Ela “jamais repetiria a história da mãe de ser a outra na vida de um homem”. Contou à mãe sobre suas intenções e esta não se opôs ao casamento, muito pelo contrário. Desse modo, sua filha teria um passaporte europeu. Ambas combinaram não contar nada ao pai de Dora “para que ele não cortasse a mesada”. Deram entrada nos papéis para o casamento civil. Poucos dias depois, Dora e o estrangeiro começaram a “ficar” e, durante uma conversa na praia, ele lhe disse muito irritado, em um tom que a fez tremer de medo, que “mataria a mulher se fosse traído”. Diante do pavor sentido pela paciente em função do tom da voz dele, a analista deu à palavra “matar” um peso inequívoco: ou Dora contaria a seus pais sobre essa ameaça ou eu mesma o faria por julgá-la em risco. Este gesto fez com que o rapaz viesse com ela a uma sessão na qual o significante “matar” como ameaça real à vida de Dora foi tratado com todo o seu peso sexual. Não havia equívoco translinguístico a ser considerado nesse caso. Matar é matar em qualquer idioma. Ele se desculpou, reconheceu a gravidade do problema que criou, falou um pouco de sua situação pessoal, permitindo que a sessão prosseguisse tendo o significante “casamento” como pivô. Ele afirmou ali que Dora não deveria ter esperanças de que aquele fosse um casamento de verdade, pois, para ele, casamento de verdade era outra coisa. Dora chorou. Disse que sempre soube disso, mas esteve tentando se enganar. Essa retificação não impediu o casamento, mas trouxe algumas mudanças. Dora pôde elaborar um pouco da sua relação com a história da mãe. Sua análise foi interrompida alguns meses após o “casamento”. Eles haviam começado a namorar e decidiram morar juntos. Mais uma vez, como já advertia Freud (1914, p. 119), o tratamento amoroso pode surgir como impedimento ao tratamento analítico.

### **Do fragmento à teoria**

Vejamos o que mostra o drama de Dora. Há desde o início uma precariedade em jogo no campo identificatório: os pais não moram juntos e ela não tem o sobrenome do pai na certidão de

nascimento. Até o reconhecimento da paternidade, seu desenvolvimento sexual parecia caminhar sem maiores impasses. Se a união dos pais era precária e se ele já "havia tido" outro relacionamento antes, do qual resultaram três filhos que ela não conhecia, isso não parecia tornar Dora menos filha ou menos valiosa para o pai porque ela se ancorava na equação mãe-mulher, ou seja, tomava a via do suposto desejo do pai pela mãe. Este fato assegurava, mesmo que precariamente, a ilusão de que Dora tivesse vindo ao mundo como dom de amor do pai à sua mãe. Receber o sobrenome do pai poderia ter endossado esse lugar fálico. No entanto, ao impedir que a filha comentasse sobre o reconhecimento legal da paternidade, ele tentava anular aquele ato público. Situava seu gesto no registro da culpa e não mais no do desejo, como ela pensava até então. Dora era testemunha da traição dele à sua mulher. Com a culpa seu pai revelava que a mãe dela não significava nada para ele e, por conseguinte, também Dora. Ao não querer arcar com a consequência de seu ato, ou seja, arriscar a relação marital em nome do reconhecimento do valor fálico da filha, ele a nomeou como bastarda, rompeu seu frágil revestimento fálico e desvelou o lugar que a mãe dela ocupou para ele. Não o de objeto do seu desejo, mas o de puro objeto de gozo, objeto degradado.

O reconhecimento da paternidade pelo pai biológico somado ao pedido, endossado pela mãe, de que a filha escondesse o ato público, teve como consequência o abalo de todas as identificações de Dora, portanto, a debilidade do mental e a inconsequência. Tornar-se "barraqueira como a mãe" evidenciava o rompimento do ténue véu do amor e mostrava seus efeitos: a destruição dos precários pilares identificatórios paternos que poderiam sustentá-la como desejante e permitir a substituição do pai por um homem em quem também pudesse encontrar uma localização fálica pela identificação à causa do desejo dele. Sem disso, Dora foi aspirada pela face devastadora da erotomania, que a fixou à posição de objeto em sua expressão mais degradada. Além de não valer muito como mulher para os homens, tal como a mãe em relação ao pai, Dora tornou-se a única entre os filhos dele que não tinha sucesso na escola e, por isso, não conseguiria ingressar na universidade. Assim como a mãe, pararia no segundo grau.

A posição de dejetivo de Dora, sua deriva e autodestruição configuram-se como uma modalidade erotômana. Chamamos aqui de erotomania ao comparecimento do excesso pulsional não-todo regulado pela lógica fálica, excesso que, como pudemos demonstrar remonta às experiências primitivas da menina com sua mãe. Partindo do princípio freudiano de que a escolha objetual da mulher é narcísica, de que ela não desenvolve o supereu das identificações secundárias, o que resta do processo identificatório é sempre muito precário. Lembremo-nos de que o ponto de fixação aqui é relação primária, pré-edípica, onde o sujeito e o objeto estão indiferenciados. A elevação do objeto à dignidade de causa do desejo requer uma extração, ou seja, uma separação entre o sujeito e o objeto operada pela renúncia a uma parte da libido narcísica. O campo do desejo não se dá sem a instauração da Lei, mas as meninas não acreditam na ameaça de castração. Com isso, não conseguem fazer uma verdadeira separação em relação ao objeto primordial de amor. Do ponto de vista pulsional, portanto, elas se mantêm presas a uma certa oscilação, a uma ambivalência relativa à relação com a mãe, na qual o sujeito é objeto da mãe. No *Seminário 10*<sup>18</sup>, Lacan afirma que o supereu das identificações secundárias participa da função do objeto como causa. Uma vez que nas mulheres ele não se constitui para manter a distância entre o objeto da identificação e o do amor, a reversão pulsional faz com que o objeto reste privilegiadamente em sua função masoquista de dejetivo e não como causa de desejo. As etapas pré-genitais da libido, no que se refere à identificação e à relação de objeto, têm uma relação estrutural com a erotomania. Esse é o mecanismo em Freud que pode ser colocado como topologicamente homólogo à lógica do não-todo em Lacan.

Estamos propondo uma outra modalidade de abordagem para a erotomania, a partir da vertente que Freud (1931; 1933 [1932]) desenvolveu sobre a feminilidade ao situá-la no âmbito das relações da menina com a mãe. O que Freud chama de feminilidade e de relação primitiva da menina com a mãe é homólogo às etapas pré-genitais da libido e correspondem, do ponto de vista topológico, à erotomania, ao Outro gozo que Lacan conceitua no *Seminário 20*. O Outro gozo relaciona-se, portanto, à fixação do sujeito feminino naquilo que resta fora da operação edípica quando atrelada ao complexo de castração, ou seja, ao que fica fora da operação paterna.

No caso em questão, a impossibilidade de significar a indignação relativa à irresponsabilidade dos pais rompeu a precária borda do amor e Dora foi aspirada pelo gozo ilimitado da pulsão de morte. A devastação se apresenta porque seu pai falta enquanto homem para sua mãe, que é cúmplice disso. A precariedade do campo identificatório torna também precária a constituição do amor que permitiria a passagem do egoísmo ao altruísmo. Como consequência, produz-se uma regressão pulsional a um modo de satisfação adquirido na infância que, como já sabemos é impossível de fazer desaparecer<sup>19</sup>. Trata-se do gozo pulsional desfrutado na fase pré-edípica.

Enquanto mulher, Dora é não-toda submetida à organização fálica. O efeito da vacilação do campo dos ideais é o de que o sujeito não consegue mais se diferenciar do objeto, o amor não se distingue do ódio e não faz o menor sentido tentar discriminar, do ponto de vista pulsional, se os efeitos sobre o objeto são de dano, aniquilamento ou de exaltação. O sujeito passa ao *acting out*, passa a agir o que não consegue recordar. Dora encarna uma burrice que sintomatiza a "burrada materna" - ou seja, seu nascimento havia sido um *acting out* de sua mãe - e põe em cena uma questão: por que razão minha mãe se envolveu com um homem impossível? Alienada à posição de objeto do gozo materno, Dora respondia a essa pergunta escolhendo pagar o preço do fracasso.

Este caso mostra que a vacilação identificatória lança a mulher em um *estado de emergência amorosa* e exemplifica como a queda da estrutura familiar torna urgente para ela a localização do gozo no parceiro sexual tomado como ideal. É o que se explica pela busca desesperada de Dora por cobrir com um amor, com um “casamento de verdade”, o buraco aberto pela atitude paterna. A escolha pela via da paixão amorosa implica a realização das condições de amor infantis decorrentes da fase pré-edípica. A paixão amorosa tem o poder de suspender recalques, restaurar perversões e elevar o objeto sexual à condição de *ideal sexual*. Dessa forma, segundo Freud, tem uma função de ajuda ao ideal do ego (1914, p. 118), precário na mulher. Nossa interpretação é a de que, na medida em que o ideal sexual permite conjugar falo e pênis, ele possibilita para a mulher a recuperação das qualidades fálicas perdidas ou que parecem inalcançáveis ao seu ego, proporcionando “um efeito de identificação e de regulação do excesso pulsional” próprio à sexualidade feminina (COELHO DOS SANTOS, 2006e). Mas isso não pode ser confundido com um tratamento para a feminilidade.

Freud afirma que, de um modo geral, o sujeito não pode acreditar em outro mecanismo de cura senão pelo amor. Por esta razão, as expectativas amorosas são trazidas para o âmbito do tratamento analítico e direcionadas para a pessoa do analista. Se, por um lado, o tratamento consegue libertar o sujeito de alguns recalques, por outro, pode dar lugar a resultados involuntários, como, por exemplo, ser interrompido para ser continuado junto da pessoa amada (1914, p. 119). No entanto, no caso da mulher, o que se refere ao amor tem repercussões mais estruturais. Em seu último ensino, Lacan (1972-73) homologou o gozo feminino à fala de amor que o parceiro sexual endereça à mulher. Segundo Freud (1914), a saída pelo amor poderia ser satisfatória se não trouxesse o perigo de uma dependência opressiva com a pessoa salvadora. Já para Lacan, o impasse da sexualidade reside na dissimetria dos gozos: um é tecido pela via do discurso amoroso e o outro, pela abordagem silenciosa do objeto fantasmático. O tratamento pela via do amor fora da análise dificilmente conduz à nova ética desenvolvida por Lacan no *Seminário 23*, a da responsabilidade sexual (COELHO DOS SANTOS, 2006e).<sup>20</sup>

## NOTAS

1. Esse trabalho integra a pesquisa de doutoramento sobre o tema do desejo do analista, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da UFRJ, sob orientação da Profa. Tania Coelho dos Santos, com o apoio financeiro da CAPES.
2. Não desconhecemos que neste momento Freud ainda não havia estabelecido uma teoria das pulsões, tampouco desconhecemos que o uso que ele faz do termo *Trieb* nessa época (como, por exemplo, em “Projeto para uma psicologia científica”, 1895, p. 421) não poderia ser tomado como sinônimo de pulsão enquanto conceito, tal como proposto em 1915. No entanto, para facilitar nossa exposição, esclarecemos que tomamos, de partida, o “plano pulsional” como sendo o fundo sobre o qual se sustenta tudo o que se pode conceber como atividade psíquica.
3. A qualidade sexual não se justifica senão por sua origem no mundo externo.
4. Sob o termo neurose Freud englobava a histeria, a neurose obsessiva e a paranóia (1892-99).
5. O termo identificação aqui não tem o status de conceito. A identificação como conceito por meio do qual Freud elucida a lógica da vida amorosa ainda precisará aguardar quase vinte anos de trabalho para ser formulada. Referimo-nos ao texto de 1921, “Psicologia de grupo e análise do ego”.
6. A introdução do ego como objeto privilegiado de convergência pulsional só virá em 1914, com a postulação do conceito de narcisismo.
7. “As próprias crianças se comportam, desde cedo, como se sua afeição pelas pessoas que a assistem fosse da natureza do amor sexual. A angústia das crianças não é, originariamente, nada além da expressão da falta que sentem da pessoa amada; por isso elas se angustiam diante de qualquer estranho; temem a escuridão porque, nesta, não vêem a pessoa amada, e se deixam acalmar quando podem segurar-lhe a mão na obscuridade. [...] a criança porta-se como o adulto, na medida em que transforma sua libido em angústia quando não pode satisfazê-la; e inversamente, o adulto neurotizado pela libido insatisfeita comporta-se como uma criança em sua angústia [...]” (FREUD, 1905, p. 230-231).
8. O raciocínio que subjaz aqui tem como pano de fundo anotações pessoais de aulas sobre o tema ministradas pela profa. Tania Coelho dos Santos. Estas aulas foram gravadas e transcritas, mas ainda constituem um material inédito.
9. “[...] uma unidade comparável ao ego não pode existir no indivíduo desde o começo; o ego tem de ser desenvolvido. Os instintos auto-eróticos, contudo, ali se encontram desde o início, sendo, portanto, necessário que algo seja adicionado ao auto-erotismo – uma nova ação psíquica – a fim de provocar o narcisismo” (FREUD, 1914, p. 93).
10. FREUD, 1915, p. 160, grifo nosso.
11. Para Miller (2006, p. 18), o amor ao mesmo, do qual trata o amor narcísico freudiano, está situado no eixo imaginário, enquanto o amor anaclítico, “no eixo simbólico, onde está em jogo a

questão da castração”.

12. Tal hiância é sinônima de uma experiência de desligamento entre o sujeito e o objeto, coisa que, como dissemos, é objetada pelas fixações. Nestas situações, segundo Freud (1914, 1923), o sujeito desiste de sua relação com a realidade traumática. No entanto, não corta suas relações eróticas porque a pulsão regride em direção às expressões psíquicas já adquiridas em etapas anteriores de seu desenvolvimento. Neste caso, à fase oral.

13. No *Seminário 11*, Lacan conceitua uma nova definição para a libido: faz dela um órgão, objeto perdido, matriz de todos os objetos perdidos (COELHO DOS SANTOS, 2004).

14. Trata-se dos textos freudianos que compõem as “Contribuições à psicologia do amor I e II” (1910): “Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens” e “Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor”. In: **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1980, vol. XI.

15. Trata-se aqui do “Outro que não existe” ( ~~A~~ ) que, na concepção de Coelho dos Santos (2004) é um deslizamento lacaniano do termo castração.

O *Outro que não existe* é um deslizamento no uso do termo castração. Em Freud, a castração, que aparece primeiramente articulada ao Édipo e à função paterna, tem sua ênfase deslocada para a diferença sexual. Em Lacan, ela se desloca para a própria linguagem. Ora, a castração proveniente da linguagem é a que aponta que o “Outro não existe”, pela dupla vertente do sujeito: ele não tem o objeto do gozo, nem o significante que o represente. Guarda ainda uma correspondência com a castração sexual porque o sexo da mulher é aquele que ninguém consegue positivar. Há um sexo masculino, mas não há o Outro sexo, o que promove uma articulação entre o feminino e o furo na linguagem, ou seja a falta de um objeto último na linguagem” (COELHO DOS SANTOS, 2004).

16. Tivemos a oportunidade de trabalhar um pouco melhor essa característica feminina, que na ocasião coordenamos ao cinismo, tomando como referência a novela de Raymond Queneau, *Zazie no metrô* (LOPES, 2005, p. 80-81).

17. É importante observar que, na época em que essa paciente nasceu, era impossível registrar um filho de uma relação adúltera. Foi necessário esperar por uma mudança no código civil para que um homem legalmente casado com uma mulher com a qual tivesse uma família pudesse registrar uma filha de uma relação extraconjugal.

18. LACAN, 1962-63, cap. VIII.

19. “[...] como acontece sempre que a libido está envolvida, mais uma vez aqui o homem se mostra incapaz de abrir mão de uma satisfação de que outrora desfrutou. Ele não está disposto a renunciar à perfeição narcisista de sua infância [...]” (FREUD, 1914, p. 111).

20. Agradeço à profa. Tania Coelho dos Santos pelas pontuações precisas que me ajudaram a esclarecer teoricamente a questão da erotomania vinculada à organização pré-genital feminina, lançando também luz sobre a elucidação deste caso em particular. Agradeço também à Sandra Grostein, debatedora na conversação clínica onde este caso foi originalmente apresentado durante o III Simpósio do Núcleo Sephora, pela elucidação de certos aspectos deste caso coordenando-os à forma como se estruturam os sintomas contemporâneos.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COELHO DOS SANTOS, T. (2006a). **Sinthoma: corpo e laço social**. Rio de Janeiro: SEPHORA/UFRJ, 2006, 254p. Também disponível sob o formato de e-book em: <[www.nucleosephora.com](http://www.nucleosephora.com)> Laboratório de ensino > Pós-graduação.

\_\_\_\_\_. (2006b) “O psicanalista é um sinthoma”. In: **Latusa**, n. 11. RJ: EBP-RJ, 2006, p. 57-72.

\_\_\_\_\_. (2006c). “N’homeação e sexualização”. In: **Boletim n. 2 das XVII Jornadas clínicas da EBP-RJ – Para que serve um pai?** Acessado em 28/abril/2006 em: [www.ebprio.com.br/boletim2](http://www.ebprio.com.br/boletim2)

\_\_\_\_\_. (2006d). “Final de análise como identificação ao sinthoma do homem”. Trabalho apresentado na XVII Jornada Clínica da EBP-RJ – *Para que serve um Pai? Usos e versões*. Mimeo.

\_\_\_\_\_. (2006e). “Os nomes do Real: sexualização e invenção”. Inédito.

\_\_\_\_\_. (2005). “O sinthoma e a insígnia: fantasia ou caráter?”. In: **Latusa**, n. 10. Rio de Janeiro: EBP-RJ, 2005, p. 36-49.

\_\_\_\_\_. (2004). **A máquina do não-Todo e a clínica do sinthoma**. Seminário inédito. Aula do dia 07/04/2004.

FREUD, S. (1977) **Obras Completas**. RJ: Imago Ed.

- (1892-99) “Extratos dos documentos dirigidos a Fliess”. Vol. I.
- (1895) “Projeto para uma psicologia científica”. Vol. I.
- (1905) “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”. Vol. VII.
- (1911) “Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (*Dementia paranoides*)”. Vol. XII.
- (1914) “Sobre o narcisismo: uma introdução”. Vol. XIV.

- (1915) "Os instintos e suas vicissitudes". Vol. XIV.
- (1921) "Psicologia de grupo de análise do ego". Vol. XVIII.
- (1923 [1922]) "Dois verbetes de enciclopédia: Psicanálise e A teoria da libido". Vol. XVIII.
- (1924) "Dissolução do complexo de Édipo". Vol. XIX.
- (1925) "Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos". Vol. XIX.
- (1926) A questão da análise leiga: conversações com uma pessoa imparcial". Vol. XX.
- (1931) "Sexualidade feminina". Vol. XXI.
- (1933 [1932]) "Conferência XXXIII – A Feminilidade". Vol. XXII.
- (1937) "Análise terminável e interminável". Vol. XXIII.
- (1940 [1938]) "Esboço de psicanálise". Vol. XXIII.
- (1940 [1938]) "A divisão do ego no processo de defesa". Vol. XXIII.

LACAN, J. (1953-54). **O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1986.

\_\_\_\_\_. (1954-55) **O Seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1987.

\_\_\_\_\_. (1956-57). **O Seminário, livro 4: as relações de objeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

\_\_\_\_\_. (1957-58). **O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1999.

\_\_\_\_\_. (1962-63). **O Seminário, livro 10: a angústia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

\_\_\_\_\_. (1972-73). **O Seminário, livro 20: mais, ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1982.

LOPES, R.G. (2005) "Desejo do analista e lógica da sexuação". In: **Latusa**, n. 10. Rio de Janeiro: EBP-RJ, 2005, p. 73-88.

MILLER, J.-A. (1997-98). "Uma partilha sexual". In: **Clique**, n. 2. Revista dos Institutos Brasileiros de Psicanálise do Campo Freudiano. MG: Instituto de Saúde Mental de Minas Gerais, agosto, 2003, p. 12-29.

\_\_\_\_\_. (2002). "O último ensino de Lacan". In: **Opção Lacaniana**, n. 35. SP: Edições Eólia, janeiro, 2004, p. 6-24

\_\_\_\_\_. (2006) "Labirintos do amor", In: **Correio**, n. 56, Revista da Escola Brasileira de Psicanálise. Salvador: EBP, ago/2006, p. 14-19.

SARTORI, A.P.C. (2006) "A erotomania na psicose e na neurose". Trabalho apresentado no III Simpósio do Núcleo Sephora de pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo– **Modalidades da precariedade em psicanálise: o feminino, a exceção, o ilimitado e a devastação**. Realizado no Auditório da Escola de Serviço Social/UFRJ, em 29 e 31/8, e 01/09/2006. Inédito.

SOLANO-SUÁREZ, E. (2006) "As mulheres e suas paixões". In: **asephallus**, n. 3. Revista digital do Núcleo Sephora de pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Disponível em: < [www.nucleosephora.com/asephallus](http://www.nucleosephora.com/asephallus) >.